

La Comédiathèque



Como
um filme
de Natal

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

Como um filme de Natal...

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Kimberley herdou da sua avó a receita secreta das suas famosas bolachas. Na véspera de Natal, juntamente com a sua melhor amiga Jennifer, Kimberley está prestes a abrir uma casa de chá ao pé do prédio onde a avó, Yaya, vivia. Um projeto muito querido para ela, no qual investiu todas as suas economias. No entanto, um promotor sem escrúpulos está disposto a tudo para comprar a sua loja, com o objetivo de demolir o edifício e construir no seu lugar uma residência de luxo. Conseguirá Kimberley superar estes desafios e finalmente encontrar o amor? Um verdadeiro enredo de filme de Natal... mas pior!

Personagens

Kimberley: a heroína
Jennifer: a melhor amiga
Cindy: a rival malvada
Kevin: o noivo oficial
Brian: o pretendente improvável
Gregory: o pai compreensivo
Samantha: a mãe abusiva
William: o carteiro
Alex: o promotor/a
Carvalho: o inspetor/a
Dos Santos: o investigador/a

Os papéis de Dos Santos e Gregory podem ser interpretados pelo mesmo ator.

Os dois polícias podem ser reduzidos a apenas um.

*Os papéis do promotor e dos dois polícias
podem ser tanto masculinos quanto femininos.*

Possíveis elencos

para 9 atores: 5H/4M ou 4H/5M

para 10 atores: 6H/4M ou 5H/5M ou 4H/6M

para 11 atores: 7H/4M ou 6H/5M ou 5H/6M ou 4H/7M

© La Comédiathèque

Uma casa de chá um pouco kitsch, com apenas uma mesa e três cadeiras por enquanto. Num canto, uma árvore de Natal decorada. Ouve-se uma música natalina bastante brega. Dado que esta comédia é uma paródia dos filmes de televisão de fim de ano em sua forma mais caricata, tudo no cenário e nos trajes evoca um mundo de romance popular. Os atores podem exagerar, especialmente ao recitar as frases clichê que constituem a maior parte dos diálogos desse tipo de filmes. Kimberley entra, sobe a um banco e completa a decoração da árvore colocando uma enorme estrela no topo. Jennifer chega. A música para.

Jennifer – Então, já está? É o grande dia!

Kimberley – Não fechei um olho a noite toda...

Jennifer – Eu também não.

Kimberley – Nervos antes da estreia, como eu...

Jennifer – Sim... e também o rapaz com quem passei a noite.

Kimberley – Ah, sim...

Jennifer – Um Mexicano que conheci ontem à noite...

Kimberley – Vai vê-lo de novo?

Jennifer – É um entregador de pizzas... Só tens de ligar... Eu passo-te o número, se quiseres... Garanto-te que pelo preço de uma quatro queijos... não ficarás desapontada.

Kimberley – Está bem...

Jennifer vê a árvore.

Jennifer – Meu Deus, é realmente linda!

Kimberley – Pena que a Yaya não possa vê-la este ano.

Jennifer – Já passou um ano desde que a tua avó nos deixou. Parece que foi ontem...

Kimberley – E, no entanto, foi exatamente há 365 dias.

Jennifer – Incrível... então contaste os dias.

Kimberley – Sim, bom... um ano, sabes...

Jennifer – 25 de dezembro...

Kimberley – Na noite de 24 para 25, de qualquer forma. Encontramo-la lá de manhã, toda azul, caída ao pé da árvore.

Jennifer – No meio dos presentes deixados durante a noite pelo Pai Natal... Que presente... Nunca soubemos realmente o que aconteceu.

Kimberley (*apontando para a estrela no topo da árvore*) – Ainda segurava na mão a estrela que costumamos colocar no topo da árvore...

Jennifer – E havia um banco virado aos pés dela.

Kimberley – Deve ter escorregado ao tentar pendurar de novo aquela estrela caída do céu.

Jennifer – Ou talvez... quisesse enforcar-se com o fio das luzes, e a árvore não aguentou o peso. O Natal é tão deprimente.

Kimberley – E, no final, pesava pelo menos duzentos quilos...

Jennifer – E pensar que aos vinte anos foi Miss Arkansas.

Kimberley – Miss Arkansas. Miss Kansas fui eu...

Jennifer – Espero que não acabes como ela...

Kimberley – Obesa, queres dizer?

Jennifer – Ou enforcada... De qualquer modo, em vez dessa estrela, ela é que se espatifou no chão. Felizmente, não havia ninguém em baixo.

Kimberley – Não consegues imaginar o quão culpada me sinto...

Jennifer – Mas vá lá, não tens culpa!

Kimberley – Se tivesse pendurado melhor essa maldita estrela...

Jennifer – Tenho a certeza de que hoje a Yaya está no céu e olha para nós lá de cima.

Kimberley – Não sei se aprovaria os meus planos...

Jennifer – Tenho a certeza que sim. Ela adorava deliciar-nos a todos com as suas famosas bolachas.

Kimberley – São tão deliciosas.

Jennifer – E tão nutritivas...

Kimberley – É verdade... Desde que ela morreu, não só perdi uma avó... Também perdi cinco quilos.

Jennifer – Abrir esta casa de chá será a oportunidade de dar a conhecer as bolachas da Yolanda por toda a cidade. E por que não por todo o país!

Kimberley – Mas estou a pensar... Ainda estava à procura de um nome para o nosso estabelecimento... E que tal simplesmente "As Bolachas da Yaya"?

Jennifer – Que ideia maravilhosa! Será uma forma de prestar homenagem à tua avó, que te deixou a receita secreta das suas famosas bolachas antes de morrer.

Kimberley – Felizmente, também me deixou este pequeno apartamento no rés-do-chão, num bairro que está a tornar-se muito na moda.

Jennifer – Uma habitação insalubre que transformaremos na casa de chá mais elegante de toda Mekansas City.

Kimberley – Espero que possamos conseguir... porque investi todas as minhas economias em redecorar.

Jennifer – A vida é como o Pai Natal, Kimberley! Ou a Fada dos Dentes. Só precisas acreditar para que te traga presentes e dinheiro.

Kimberley – Tens razão! Só preciso de um pouco de ânimo de vez em quando, quando estou um pouco em baixo...

Jennifer – Claro! Não podes contentar-te em beber uísque às escondidas...

Kimberley – Às vezes, gostaria de poder depender um pouco mais do apoio do Kevin. Afinal, estamos comprometidos...

Jennifer – Não o culpes demais. Ele também tem o trabalho dele. Mas estou aqui para te ajudar, Kimberley.

Kimberley – Eu sei... Desde a pré-escola, sempre foste a minha melhor amiga. Sem ti, nunca teria tido coragem para embarcar nesta aventura.

Jennifer – Nunca te poderei agradecer o suficiente por me dares a oportunidade de recuperar-me, Kimberley. A vida não tem sido fácil para mim desde que saí da prisão... E se não tivesses tido a gentileza de pagar a minha fiança, ainda estaria atrás das grades...

Kimberley – Pagar-me-ás aos poucos com os teus primeiros salários.

Jennifer – Tu vais ter sucesso, tenho a certeza. Sempre conseguiste tudo na tua vida. Enquanto eu...

Kimberley – Sim... Mas para conseguir isso, preciso de comprar a loja ao lado para expandir um pouco. Aqui é demasiado pequeno...

Jennifer – A loja de flores! Está à beira da falência! A florista aceitou vendê-la a um bom preço, e acabaste de assinar o compromisso.

Kimberley – Sim... mas ainda não tenho a resposta do banco para o crédito...

Jennifer – Tenho a certeza de que tudo correrá bem. Vamos ser um sucesso!

Kimberley – De qualquer forma, por agora, os clientes não se apressam.

Jennifer – Estamos supostas a abrir às oito, e são apenas sete e cinquenta e cinco. Não te preocupes tanto!

Kimberley – Tens razão, devo acalmar-me. Não dormi toda a noite, mas pelo menos não perdi tempo. As bolachas ainda estão quentes. Fiz mais de mil!

Jennifer – Mil?

Kimberley – Achas que é demasiado?

Jennifer – Se tivermos dez clientes durante o dia e cada um comprar cem...

Kimberley – Ou cem clientes que comprem dez...

Jennifer – Ou mesmo cinquenta clientes que comprem... Quantas deveriam comprar nesse caso?

Kimberley – Espera, vou buscar a minha calculadora, porque sabes, os números...

Ouve-se o tilintar da campainha na porta para indicar a chegada de um cliente.

Jennifer – Ah... Aqui está o teu primeiro cliente!

Entra Brian, um homem jovem de aparência atraente, mas vestindo roupas visivelmente demasiado grandes para ele.

Kimberley – Meu Deus! E ainda nada está pronto...

Jennifer – Anda, acalma-te. Só tens de lhe servir uma chávena de café... e perguntar se quer bolachas.

Kimberley – O nosso primeiro cliente! Temos de fazer tudo para o satisfazer...

Jennifer (*emocionada*) – Tudo? Mesmo?

Kimberley – Nem sequer tive tempo de pentear o cabelo.

Jennifer – Queres que eu trate disso?

Kimberley – Não... É coisa minha fazer isso.

Ela faz um esforço para se acalmar, arranja um pouco o cabelo, endireita-se e aproxima-se de Brian.

Brian – Olá.

Kimberley – Bem-vindo ao nosso modesto salão de chá... destinado a tornar-se nos próximos anos numa cadeia internacional de franchising, sob o nome de... "As Bolachas da Yaya".

Brian (*surpreendido*) – Obrigado... Eu... Posso ter um café?

Kimberley – Claro. Deseja algo para acompanhar o seu café?

Brian – Não, obrigado, está bem... Estou um pouco apressado...

Kimberley – Não vai sair sem provar as bolachas da Yolanda...?

Brian – Chama-se Yolanda?

Kimberley – Não... Yolanda faleceu, infelizmente.

Brian – Espero que não tenha sido depois de comer uma dessas famosas bolachas...

Kimberley – Era a minha avó... Enforcou-se na árvore... Quero dizer... foi um acidente. Bem, acho que foi...

Brian – Sinto muito...

Kimberley – Não se desculpe, não é culpa sua... pelo menos até que a polícia prove o contrário... Então?

Brian – Desculpe?

Kimberley – Tem alguma preferência para as bolachas? Temos mais de trinta sabores diferentes... (*Num tom confidencial*) Mas não se preocupe, todos têm chocolate...

Brian – Quer dizer que...

Kimberley – Muito bem. Cortesia da casa. Só pagará o café...

Brian – Sério?

Kimberley – Acabamos de abrir, você é meu primeiro cliente. (*Endireitando-se para destacar seu generoso decote*) Considere isso como uma oferta de lançamento...

Brian – Nesse caso... Deixo-a escolher o sabor... Já que todos são de chocolate...

Kimberley sorri e afasta-se para preparar o pedido.

Kimberley – Então, como estive?

Jennifer – Muito elegante...

Kimberley – Ok, talvez tenha exagerado um pouco...

Jennifer – Podemos esperar um pouco antes de revelar nossa estratégia internacional. Por agora, só temos uma mesa...

Kimberley – Conheces esse rapaz?

Jennifer – Não...

Kimberley – A cara dele parece-me vagamente familiar... Mas o que está por baixo não me diz nada...

Jennifer – É verdade que está vestido como um desastre... Não é daqui. Teria notado...

Kimberley – Oh sim?

Jennifer – De qualquer forma, parece bom.

Kimberley – Sim...

Jennifer – Não notaste?

Kimberley – Lembro-te que estou comprometida...

Jennifer – Isso não impede de ter olhos! Só porque já tens tostas sem sal em casa, não podes maravilhar-te com a montra de uma pastelaria...

Kimberley – Vai tu... Mudar-te-á dos entregadores de pizza...

Jennifer – Sim... mas pelo visto, não sou eu que lhe interessa...

Kimberley – Pergunto-me o que estará a fazer aqui.

Jennifer – Podes perguntar-lhe.

Kimberley – Jennifer, seria indiscreto.

Kimberley serve Brian.

Brian – Obrigado...

Kimberley – Este é de gengibre. Segundo a minha avó, é afrodisíaco. Conte-me como vai... Bom proveito!

Kimberley volta para Jennifer.

Jennifer – Bom proveito...?

Kimberley – Em todo caso, parece que ele está a apreciar. Minha avó tinha razão quando dizia que o gengibre é afrodisíaco. Olha, parece muito mais sorridente do que quando chegou...

Brian lança um olhar a Kimberley com um grande sorriso.

Jennifer – Sim... Quase está a salivar ao olhar para ti... Tens a certeza mesmo de saber o que significa a palavra "afrodisíaco"?

Kimberley – Não sei... Como um bom charro, não é? Algo que te devolve o sorriso...

Jennifer – Acho que estás a confundir afrodisíaco com euforizante.

Kimberley – Oh sim? (*Olhando para o seu relógio*) Oh Deus, tenho de ligar para o banco... Deixo-te encarregada dele. Sê simpática, mas tenta manter certa distância, se percebes o que quero dizer...

Ela sai. Jennifer aproxima-se de Brian.

Jennifer – Então... aceitas os cookies.

Brian – Minha mãe sempre me disse para recusar guloseimas de uma desconhecida. Mas a garçonete é tão encantadora.

Jennifer – Kimberley é a dona deste estabelecimento.

Brian – E aparentemente, não lhe falta ambição.

Jennifer – Aqui é demasiado pequeno. Teremos que expandir.

Brian – Internacionalmente, então...

Jennifer – Começaremos pela loja ao lado. Isso nos permitirá colocar uma ou duas mesas a mais.

Brian – Cuidado. Hitler começou invadindo a Polónia, e veja onde isso nos levou...

Jennifer – Este projeto é importante para nós. Será um novo começo tanto para ela como para mim.

Brian – Um novo começo, realmente...?

Jennifer – Acabei de sair da prisão.

Brian – Uau... Apesar disso, à primeira vista... Qualquer um diria que és uma alma santa...

Jennifer – Casei-me muito jovem, e não escolhi a pessoa certa.

Brian – Acontece, infelizmente.

Jennifer – Ele disse que era vendedor. Quando percebi que estava a vender heroína, já era tarde demais.

Brian – Já estavas viciada...

Jennifer – Sobretudo, já estava grávida. A polícia revistou nossa casa. Encontraram droga numa lata de leite para bebé.

Brian – Mas isso é horrível...

Jennifer – Estou em liberdade condicional. Levo uma pulseira eletrónica. Queres ver?
Mostra a pulseira que tem no tornozelo.

Brian – Aconselharia a não mostrar a qualquer pessoa... Pode assustar a clientela de uma casa de chá...

Kimberley regressa.

Kimberley – Tudo bem?

Brian – Sim, sim... Estava a conversar com...

Jennifer – Jennifer. E tu, qual é o teu nome?

Brian – Brian.

Jennifer – E o que te traz aqui, Brian?

Kimberley lança-lhe um olhar fulminante.

Brian – Uma entrevista de trabalho. Sou arquiteto.

Jennifer – Arquiteto?

Brian – Desenho casas, edifícios, escritórios...

Jennifer – De qualquer forma, também pareces ter grandes ambições... especialmente para o tamanho das tuas roupas.

Kimberley (*mudando de assunto*) – Então, e essas bolachas? Gostou delas?

Brian – Excelentes, realmente. Mas receio que, depois de provar algumas, não consiga parar. É uma droga dura, não é? (*Lança um olhar desconfortável a Jennifer.*) Quero dizer... receio que seja muito viciante...

Jennifer (*coquete*) – Vou-me retirar. Tenho coisas para fazer na cozinha... Até breve! Já que já não consegues passar sem nós...

Jennifer sai.

Kimberley – Queria dizer sem as nossas bolachas, claro.

Brian – É verdade que é uma pessoa muito encantadora.

Kimberley – Quer dizer um pouco pegajosa, suponho.

Brian (*olhando para o seu relógio*) – Tenho mesmo de ir... Mas prometo que nos veremos novamente.

Kimberley – Com prazer.

Levanta-se para sair.

Brian – Na verdade, vivi na área por alguns anos. Há muito tempo.

Kimberley – Em Mekansas City?

Brian – Sim... Em Mekansas City. E você?

Kimberley – Nasci aqui.

Brian – Quem sabe... Talvez já nos tenhamos cruzado...

Kimberley – De qualquer forma, não me lembro.

Brian – Depois do liceu, decidi tentar a sorte noutra lugar.

Kimberley – Bem, eu entendo. Sabe o que dizem sobre os habitantes de Mekansas City...?

Brian – Não...

Kimberley – "Bonitos e tolos ao mesmo tempo."

Brian – Parece que não era suficientemente bonito nem suficientemente tolo para sobressair num lugar assim.

Kimberley – Bem... Até breve!

Brian – Voltarei para provar novamente essas deliciosas bolachas afrodisíacas.

Brian faz-lhe um pequeno gesto de despedida. Kimberley responde com um sorriso cortês. Ele vai embora. Samantha, mãe de Kimberley, chega. Está vestida à moda CCBG, e toda a sua atitude exala esnobismo.

Samantha – Bem... Parece que não há muita gente para um dia de inauguração...

Cumprimentam-se com um beijo bastante frio.

Kimberley – Olá mãe. O papá não está contigo?

Samantha – Ele está estacionando o carro. Digo-te, no bairro, para encontrar um lugar... Devas pensar em ter um serviço de manobrista.

Kimberley – É um salão de chá, mãe! Não um restaurante de luxo...

Samantha – E quem é esse jovem bonito tão mal vestido que acabou de sair daqui?

Kimberley – Meu primeiro cliente.

Samantha – Coitada... Uma mulher sofisticada como tu, ainda solteira, não deveria ter clientes... Apenas pretendentes. Tens mesmo a certeza de que queres dirigir um bar?

Kimberley – Um salão de chá, mãe. Não um bar! E por que não?

Samantha – Eu sou baronesa. Herdei esse título do meu pai. E um dia, vou passá-lo para ti.

Kimberley – E depois?

Samantha – Uma baronesa não pode ser garçõete, nem mesmo num salão de chá. Quando uma baronesa toma chá, é ela quem é servida!

Kimberley – Talvez o teu avô fosse barão, mas a Yolanda, a tua mãe, era criada, lembro-te. Antes de casar com ele...

Samantha – Casar com a criada... Prefiro nem falar desse casamento desigual...

Kimberley – Não fales mal da Yolanda, por favor... Eu amava muito a minha avó.

Samantha – Nunca lhe perdoarei por me ter infligido este nome...

Kimberley – Samantha? É muito bonito.

Samantha – Para uma plebeia, talvez, mas a Baronesa Samantha de Casteladrón, já sabes...

Kimberley – Também casaste com um plebeu, lembro-te.

Samantha – Pelo menos, ele não era meu criado...

Kimberley – Era o teu mecânico!

Samantha – Sim... Mas ele tinha dinheiro.

Kimberley – E oferecia-te as reparações da carroçaria...

Samantha – Quando dizes reparações da carroçaria, suponho que te refiras ao velho carro que eu tinha na altura...

Kimberley – É verdade que também pagava pelas tuas operações plásticas...

Samantha – Que se há de fazer...? Precisava de dinheiro... Para te dar uma educação decente e permitir que fizesses estudos respeitáveis. Tudo para que agora...

Gregory, o pai dela, chega. Ele está vestido de forma muito mais comum, e sua atitude geral lembra suas origens populares.

Gregory – Olá, Kimberley!

Samantha – De qualquer forma, se também não gostas do teu nome, sabias que foi o teu pai quem o escolheu...

Kimberley – Olá, papá.

Kimberley e seu pai trocam um beijo de forma muito mais calorosa.

Gregory – Incrível, está lindo! Parabéns pela decoração. Já não se reconhece nada do apartamento da Yaya.

Samantha – Felizmente, era um buraco...

Kimberley (*para o pai*) – Obrigada. Jennifer ajudou-me muito.

Gregory – Então, como vai o negócio?

Kimberley – Por agora, sabes, estamos na fase de teste.

Samantha – Sim, com apenas uma mesa... Mais vale não ter dois clientes ao mesmo tempo...

Kimberley – Também oferecemos serviço para viagem.

Gregory – Tenho a certeza de que vais ter muito sucesso com as bolachas da Yaya. Eu também as adorava...

Samantha – Por agora, está a deixar infeliz a sua mãe... Será melhor encontrares um marido.

Gregory – Lembro-te que já tem um noivo...

Kimberley – Mãe, estamos no século vinte e um.

Samantha – Sim, e é uma pena. Na minha época, as mulheres da sociedade não precisavam de trabalhar. E ao que parece, não será o teu contador quem te sustentará. Aliás, pergunto-me se não é o teu dinheiro que o interessa...

Kimberley – O meu dinheiro?

Samantha – Digamos a tua herança, então.

Gregory – O que queres? Os tempos mudam, Samantha. Temos de viver com a época. Parece-me muito bem que a nossa filha esteja a criar o seu próprio negócio. Não queres que seja obrigada a casar com um mecânico, como tu... ou casar com o chefe, como a tua mãe.

Samantha – Bem, de qualquer forma, estávamos só de passagem.

Gregory – Enfim, Samantha, não sairemos sem provar as bolachas da Yaya. Ou melhor, as bolachas da Kimberley, porque tenho a certeza de que lhes adicionaste o teu toque pessoal, não é?

Kimberley responde com um sorriso cúmplice.

Samantha – Bem, está bem, mas rápido.

Kimberley apresenta-lhes uma bandeja.

Gregory – Obrigado, querida... Têm muito bom aspeto... Este é de quê?

Kimberley – De gengibre. Segundo a Yaya, é afrodisíaco. Ou checoslovaco, já não me lembro. Eu, sabes, as palavras complicadas...

Gregory lança-lhe um olhar surpreendido, mas pega numa bolacha com um sorriso. Samantha recusa a oferta.

Samantha – Não para mim, obrigada. É verdade que são muito boas, mas não para a linha. Estou a tentar cuidar um pouco de mim... E, Gregory, também não exageres... Se não quiseres ficar tão grande como a tua falecida sogra.

Gregory, que ia pegar noutra, recua. Alex, um homem de aspeto próspero, chega.

Alex – Senhores...

Samantha – Vamos deixar-te. Se não, o teu segundo cliente não vai conseguir sentar-se...

Gregory – Adeus, querida.

Desliza-lhe uma nota na mão.

Kimberley – Enfim, pai... É cortesia da casa...

Gregory – De maneira nenhuma. Negócios são negócios.

Samantha – Então, vens, Gregory?

Gregory – Vou...

Samantha e Gregory saem.

Kimberley – Olá. Por favor, sente-se aqui, é a nossa melhor mesa...

Alex olha à sua volta, surpreendido ao ver que não há outras.

Alex – Obrigado, mas... não vim consumir. Queria falar um momento contigo.

Kimberley – Falar? Bela expressão... És jornalista, certo? Queres fazer uma reportagem sobre a abertura deste novo salão de chá? Estarei feliz em atender a todos os teus pedidos...

Alex – Sério?

Kimberley – Quero dizer, responder a todas as tuas perguntas...

Alex – Não sou jornalista, trabalho em imobiliário.

Kimberley – Certo... É sobre o compromisso que assinei para comprar o local ao lado? Acabei de falar com o meu banco por telefone. Infelizmente, ainda não tenho uma resposta definitiva para o empréstimo...

Alex – Sou promotor... Vim oferecer-te um negócio...

Kimberley – Estou a ouvir...

Alex – Há alguns anos, comecei a comprar todos os apartamentos deste edifício. Só a tua avó sempre se recusou a vender-me o dela.

Kimberley – E... por que querer comprar todos esses apartamentos? Bastante deteriorados, diga-se de passagem...

Alex – Sou promotor, disse-te. Tenho um projeto imobiliário.

Kimberley – Um projeto?

Alex – Construir outro edifício neste local. Muito mais alto, claro. E muito mais bonito. Apartamentos de luxo.

Kimberley – O que significa destruir este.

Alex – Claro...

Kimberley – Não me surpreende que a minha avó tenha recusado.

Alex – Mas a tua avó já não está. E vim oferecer-te comprar-te este apartamento.

Kimberley – Não há possibilidade.

Alex – Este projeto é muito importante para mim. Posso oferecer-te um bom preço. Superior ao do mercado.

Kimberley – Como vês, também tenho planos para este lugar, que herdei da minha avó. E acabei de assinar um compromisso para comprar o local ao lado.

Alex – Também estou disposto a compensar-te se desistires de comprar esta floricultura.

Kimberley – A Cindy também não quis vender-te a loja?

Alex – O negócio dela está falido. Pensei que não colocaria objeções.

Kimberley – Esperavas que ela fechasse para comprares o local por uma pechincha.

Alex – De qualquer modo, descobri tarde demais que tinha assinado um compromisso contigo...

Kimberley – E que projeto tens para estes dois locais do rés-do-chão?

Alex – Compreendes que, para um edifício de luxo, e dado o preço que planeamos cobrar por estes espaços comerciais, uma cadeia nacional seria mais adequada do que uma simples cafetaria antiga.

Kimberley – Uma cadeia nacional?

Alex – O Starfucks está interessado.

Kimberley – Starfucks... Mais morta do que permitir isso.

Alex – No estado atual, o teu projeto não é viável. Aceitando a minha oferta, também poderias fazer um bom negócio.

Kimberley – Este salão de chá é muito importante para mim.

Alex – Se sonhas tanto em ter uma cafeteria, posso interceder por ti junto à direção da Starfucks. Tenho a certeza de que considerariam favoravelmente a tua candidatura para a gestão do estabelecimento deles em Mekansas City.

Kimberley – Sério?

Alex – Com o teu entusiasmo... e a tua aparência, tenho a certeza de que te saírias muito bem. Claro que não poderias manter a tua equipa... Nem os teus cookies caseiros.

Kimberley – Nunca!

Alex – Pensa nisso. Para ti, é uma proposta inesperada.

Kimberley – Já pensei nisso.

Alex – Podes arrepender-te um dia de não ter aceite a minha oferta.

Kimberley – É uma ameaça?

Alex – É um conselho de amigo.

Kimberley – Agora, por favor, sai daqui. Aviso-te que posso ser capaz de violência, e tenho a faixa amarela de judo.

Alex – Deixo-te o meu cartão. Por se mudares de ideias...

Deixa-o sobre a mesa e sai. Kimberley parece muito perturbada. Chega Kevin, um homem bonito com uma elegância sóbria.

Kevin – Tudo bem, querida? Parece que viste o diabo.

Kimberley – Não estás longe da verdade...

Kevin – Passou a tua mãe?

Kimberley – Pior...

Kevin – Pior?

Kimberley – Um promotor imobiliário. Quer comprar o prédio para demolir e construir apartamentos de luxo no lugar.

Kevin – Sério?

Kimberley – Até planeia abrir um Starfucks no rés-do-chão.

Kevin – Ótimo! (*Percebendo pela expressão de Kimberley que não é a resposta que ela esperava*) Bem, quero dizer... E o que lhe disseste?

Kimberley – Que não estou à venda!

Kevin – Claro, querida... Bem, tudo depende do preço...

Kimberley – Foi muito insistente... Quase me ameaçou.

Kevin – Não me surpreende que este lugar atraia a atenção dos promotores. O bairro está em plena renovação.

Kimberley – Por isso acredito no nosso projeto.

Kevin (*céptico*) – Os biscoitos da Yaya...

Kimberley – Sei que nunca acreditaste na minha ideia, mas desta vez peço-te que confies em mim, Kevin. Se me amas...

Kevin – Claro que te amo! Não nos vamos casar?

Abraça-a brevemente para a reconfortar.

Kimberley – Preciso que acredites em mim, percebes?

Kevin – Acredito em ti, Kimberley, mas ainda assim poderíamos considerar esta oferta com calma. Quanto te ofereceu exatamente?

Kimberley – Não sei, não lhe perguntei. De qualquer forma, não há maneira de aceitar. Não é uma questão de dinheiro. Como o papá diz, o dinheiro não é tudo na vida...

Kevin – Isso é mais fácil de dizer para alguém como o teu pai. Ele é rico a milhões. Se pudesse emprestar-nos algum dinheiro para nos ajudar a começar...

Kimberley – O papá não se oporia, tenho a certeza. É a mamã que não quer que me meta nos negócios...

Kevin – Negócios... Já agora, o banco deu-te uma resposta sobre o teu empréstimo?

Kimberley – Não, ainda não.

Kevin – Sem esse empréstimo, sabes que o teu projeto não é viável.

Kimberley – Falas como um contador.

Kevin – Mas, Kimberley... sou contador!

Kimberley – Hoje preciso do apoio do homem que me ama. Não da opinião do contador.

Kevin – Apoio-te com os meus conselhos, querida. E o meu conselho é que não deixes escapar a oportunidade de ouro que te acabaram de oferecer. Seria uma oportunidade para nós avançarmos!

Kimberley – Planeio avançar abrindo este salão de chá, Kevin.

Kevin – Vendendo isto, teríamos dinheiro suficiente para eu abrir o meu próprio escritório de contabilidade.

Kimberley – E eu? O que acontece comigo em tudo isso?

Kevin – Poderias trabalhar para mim! Quero dizer, trabalhar comigo...

Kimberley – Nem pensar. O que eu gosto é do contacto com as pessoas. Não dos números. E desistir deste projeto significaria despedir a minha melhor amiga.

Kevin – Jennifer? Ela vai encontrar outro emprego!

Kimberley – Não com o seu histórico criminal, garanto-te...

Kevin – O quê? A Jennifer tem antecedentes criminais?

Kimberley – De qualquer forma, ela usa uma pulseira no tornozelo. E não parece ser da ourivesaria local.

Kevin – Nunca me falaste disso! Então planeias abrir uma cafeteria com uma ex-presidiária?

Kimberley – Não é apenas a Jennifer... Há seis meses, fiz uma promessa à minha avó.

Kevin – A tua avó morreu há um ano.

Kimberley – Também podemos fazer promessas às pessoas que já não estão.

Kevin – Promessas que é muito mais fácil não cumprir...

Kimberley – Jurei que daria a conhecer as suas maravilhosas bolachas por todo o mundo.

Kevin – Só isso...

Kimberley – O Starfucks também começou com uma única loja.

Kevin – Tens a certeza disso?

Kimberley – Não... mas é a única ideia que me ocorreu.

Kevin suspira.

Kevin – Está bem... Tentaremos encontrar uma solução. Juntos... Mas agora tenho que voltar ao trabalho. Porque, por enquanto, ainda tenho um chefe... De qualquer forma, promete-me que vais refletir sobre essa oferta...

Kevin sai, deixando Kimberley pensativa e deprimida. Brian volta.

Brian – Kimberley...?

Ela assusta-se ao vê-lo.

Kimberley – Assustaste-me...

Brian – Se abrires um negócio, terás de te habituar a que desconhecidos entrem de vez em quando.

Kimberley – Tens razão, é uma tolice.

Brian – Além disso, não somos completamente desconhecidos.

Kimberley – É verdade, já passaste antes.

Brian – Conhecemo-nos desde muito antes.

Kimberley – Sério?

Brian – Não te lembras de mim?

Kimberley – Devia...?

Brian – Já te disse, vivi nesta cidade há alguns anos. Éramos colegas na escola secundária!

Kimberley – Desculpa... Tenho a certeza de que ambos mudámos muito...

Brian – Não tu, garanto-te... Já eras encantadora naquela altura e continuas igualmente bonita...

Kimberley – Desculpa, não me lembro de ti...

Brian – Não me surpreende. Naquela altura, eu media um metro e trinta e tinha algum excesso de peso.

Kimberley – Ah, sim...? Mas quando dizes algum excesso de peso...

Brian – Chamavam-me Gordinho.

Kimberley (*lembrando-se de repente*) – Gordinho!

Brian – Preferia que isso não se divulgasse demasiado... Levei anos a livrar-me desse apelido ridículo.

Kimberley – É incrível... Ao mesmo tempo... não éramos realmente amigos, pois não?

Brian – Nunca teria ousado falar contigo na escola secundária. Entre nós, era mais como... A Bela e a Fera.

Kimberley – Estás a exagerar.

Brian – De qualquer forma, fiquei feliz por te ver novamente. Para quebrar o feitiço.

Kimberley – Quebrar o feitiço? Quase ficaria desapontada...

Brian – Expressei-me mal. Quero dizer... agora que finalmente me atrevi a falar contigo... sinto-me... como libertado de um encanto.

Kimberley – Está bem...

Brian – Tenho de te deixar. Mas acredito que em breve teremos a oportunidade de nos ver novamente.

Kimberley – Por que não? Com prazer...

Brian vai embora. Cindy chega. Ela está vestida de forma provocadoramente sexy e pode estar usando uma peruca bastante chamativa, por exemplo, ruiva.

Cindy – Olá!

Kimberley – Ah, oi Cindy.

Cindy – Então, como está indo esse primeiro dia?

Kimberley – Está tranquilo... Pelo menos em relação aos clientes... porque quanto ao resto...

Cindy – Precisas de tempo para que te conheçam. Mas tenho certeza de que vai dar certo.

Kimberley – Achas?

Cindy – Somos amigas desde o jardim de infância, e sempre tiveste sucesso em tudo. Exceto nos estudos, é verdade... Te chamavam de "A Rainha do Instituto".

Kimberley – "A Rainha do Instituto"... Eu não sabia...

Cindy – Ah, sim... Houve até uma votação secreta. Ainda me lembro, não recebi nem um voto de 437 votantes...

Kimberley – Nem votaste em ti mesma?

Cindy – Apenas os garotos tinham direito a voto, é claro. Foram eles que organizaram essa pesquisa.

Kimberley – Sinto muito...

Cindy – E então, foste eleita Miss Arkansas.

Kimberley – Miss Kansas. Miss Arkansas foi minha avó.

Cindy – Poderias até ter seguido carreira como modelo.

Kimberley – Veja... no final, eu não teria sido bem-sucedida em tudo.

Cindy – Para mim, nada mudou, infelizmente... Abri minha floricultura há três anos e hoje tenho que fechar... Se tu não tivesses proposto comprar...

Kimberley – Também não foi sempre fácil para mim, sabe. Ser a garota mais bonita do ensino médio é um trabalho em tempo integral. Então, eu reprovei no ensino médio por três anos seguidos...

Cindy – Tinhas todos os garotos aos teus pés. Até hoje, na verdade. Bem, aqueles que ainda não estão casados...

Kimberley – Aliás, te lembras do Gordinho?

Cindy – Gordinho...?

Kimberley – Um garoto com sobrepeso... e com óculos. Estivemos na mesma classe no ensino médio. Acontece que ele acabou de sair daqui.

Cindy – E daí? Planejavas apresentá-lo a mim?

Kimberley – Se o visses agora, garanto que não te oporias... Agora realmente se pode dizer que o sapo virou príncipe encantado.

Cindy – Tenho dificuldade em acreditar. No reino animal, às vezes as lagartas se transformam em borboletas. Mas nos humanos, além dos contos de fadas, geralmente é o contrário. Então, viste o Gordinho?

Kimberley – Sim... Acontece que ele se tornou arquiteto...

Cindy – Fantástico...

Kimberley – Infelizmente, tive uma visita muito menos agradável.

Cindy – Ah, sim?

Kimberley – Alex... Um promotor...

Cindy – Alex? E o que ele estava fazendo em Mekansas City?

Kimberley – Ele comprou quase todo o prédio e quer demolir para construir em seu lugar uma residência de luxo.

Cindy – Sério?

Kimberley – Graças a Deus, minha avó preferiu me legar este apartamento em vez de vendê-lo para ele.

Cindy – Então ele também queria comprar minha floricultura?

Kimberley – Felizmente, acabei de assinar o compromisso...

Cindy – Sim, como você diz... Felizmente... Imagino que ele ofereceu um bom preço, não?

Kimberley – Mais do que o preço de mercado, segundo ele. Mas dinheiro não é tudo na vida, certo?

Cindy – Não... Bem... especialmente se já se tem o suficiente...

Kimberley – Isso é o que o Kevin dizia... Acho que vocês dois se dariam bem...

Cindy – Essa também é minha opinião. Infelizmente, mais uma vez, chegaste antes de mim... Sabes que estava muito apaixonada por ele no ensino médio...

Kimberley parece um pouco desconfortável.

Kimberley (*mudando de assunto*) – Queres uma bolacha?

Cindy – As famosas bolachas cuja receita tua avó te deixou... além do apartamento dela.

Kimberley – Vou pegar uma para ti... Acabaram de sair do forno... São deliciosas, vais ver.

Kimberley sai.

Cindy – Também te colocaria a cabeça no forno, vadia. Se pudesses sufocar com as tuas bolachas...

Assim que Kimberley sai, Alex volta furtivamente, com um ar conspirador.

Alex – Vi-te através da janela... (*Entrega-lhe um cartão de visita*) Alex Propina... Sou promotor imobiliário...

Cindy – Ah, sim... Sr. Propina... Minha amiga Kimberley falou de você para mim... Além disso, em bons termos...

Alex – Estou disposto a comprar a tua loja. E ofereço um preço muito maior do que o dela.

Cindy – É muito tentador, claro... Infelizmente, é tarde demais. Acabei de assinar o compromisso...

Alex – Eu sei... Mas se este salão de chá fechar, isso te libertaria do teu compromisso, certo?

Cindy – O que lhe faz pensar que este salão de chá poderia fechar?

Alex – Digamos... um pressentimento. Talvez possas ajudar-me a tornar esse pressentimento realidade.

Cindy – Ajudar a afundar o salão de chá da Kimberley? Mas disse que ela é uma amiga...

Alex – Ofereço-te o dobro do que ela está a oferecer pela tua maldita loja à beira da falência.

Cindy – Ao mesmo tempo... Conheço-a desde o jardim de infância e desde então tenho vontade de matá-la... O que devo fazer?

Alex – Precisamos discutir isso tranquilamente...

Cindy – Quando?

Alex – Agora, se quiseres. Mas não aqui...

Cindy – Vou voltar para a minha loja. Pode encontrar-me lá...

Alex – Está bem... Vou-me antes que ela volte... Prefiro não encontrá-la. Não nos despedimos em bons termos...

Alex vai embora, Kimberley volta com as bolachas.

Kimberley – E aqui estão elas!

Cindy – Obrigada, mas vou levá-las comigo... Tenho de sair urgentemente. Tenho uma entrevista... para um emprego.

Kimberley – Um emprego?

Cindy – Já que estou a vender a minha loja, preciso de encontrar um novo emprego.

Ela vai embora com as bolachas. Kimberley está um pouco desconcertada. Apanha algo do chão, que se revela ser um tufo de cabelo.

Kimberley – Ela está a perder cabelo, é incrível...

William chega, como carteiro.

William – Olá, Kimberley. Sou o carteiro! Entrega-te algumas cartas.

Kimberley – Olá, William. Então, vamos ver isto... (*Olhando para o correio*) Fatura, fatura, fatura...

William – Lamento... Preferia trazer-te cheques...

Kimberley – Que gentil. Ah, também há uma carta...

William – Uma boa notícia, espero?

Kimberley abre a carta e enquanto lê, seu sorriso desaparece.

Kimberley – "Acabarás como a tua avó"...

William – Provavelmente alguém que te deseja boa sorte para a abertura do teu salão de chá...

Kimberley – Não está assinada e está escrita com letras recortadas de um jornal...

William – Conhecia bem a tua avó. Eu entregava-lhe a correspondência todos os dias. (*Nostálgico*) E ela nunca deixava de me oferecer café, com uma das suas famosas bolachas.

Kimberley – Bem, agora vou convidar-te a molhar a tua bolacha todas as manhãs.

Ela serve-lhe um café e uma bolacha.

William – Ah, não, mas não disse isso por isso... Bem, sim, mas... Agora que é um salão de chá, quero pagar.

Deixa uma nota na mesa e morde a bolacha.

Kimberley – E então?

William – Continuam tão boas como sempre... Tenho a certeza de que a tua avó ficaria muito feliz por tomares o seu lugar.

Kimberley – Obrigada... Ela falava muito de ti... Chamava-te de Willy...

William – Era uma boa amiga... A sua partida doeu-me muito... (*Para esconder o seu desconforto*) Tenho de ir. A minha rota...

Kimberley – Volta quando quiseres...

William – Voltarei amanhã! Eu sou quem entrega a tua correspondência...

Kimberley – Claro! Sou tola...

William (*distraído*) – Sim...

Kimberley – Sim?

William – Não, quero dizer... Vamos, até amanhã, Kimberley...

Kimberley – Espera! Estás a esquecer-te do teu troco!

William – É para me desculpar por só trazer faturas.

Kimberley – E uma carta anônima... De qualquer forma, obrigada!

William vai embora. Brian chega.

Kimberley – Já estás de volta?

Brian – Eu te disse. Tuas bolachas são realmente viciantes. Prefiro não saber o que lhes colocas.

Kimberley – Tudo é orgânico, sabes...

Brian – Nesse caso...

Kimberley – Queres mais algumas?

Brian – Podem ser orgânicas, mas não são exatamente leves em gordura... Lembra-te que costumavam chamar-me Gordinho...

Kimberley – Gordinho... É incrível como mudaste. Não te teria reconhecido.

Brian – Continuo a pesar o mesmo... mas cresci sessenta centímetros. Por isso, os quilos notam-se menos. Naquela época, não tinha nenhuma chance com as raparigas...

Kimberley – É verdade que não eras muito...

Brian – Atraente? Então, achas que hoje teria hipóteses?

Kimberley – Se não estivesse comprometida talvez... Estava a falar contigo há pouco com a Cindy. Lembras-te da Cindy?

Brian – Cindy... Ah, sim, lembro-me... Uma ruiva, não? Que perdia o cabelo...

Kimberley – Ainda lhe resta algum, felizmente... Ela tem a loja de flores mesmo ao lado... Infelizmente, as coisas não estão a correr muito bem para ela nos negócios...

Brian – Sim, não me surpreende.

Kimberley – E porquê isso?

Brian – Já na escola secundária chamavam-lhe...

Kimberley – Sim?

Brian – Eh... Não, agora não me lembro... E hoje em dia, quem é que oferece flores, certo?

Kimberley – De qualquer forma, o meu noivo nunca me as oferece... Mas, o que te traz por aqui, Gordinho? Quero dizer, Brian...

Brian – Sou arquiteto, já te disse. Fui solicitado para fazer os planos do novo edifício que em breve substituirá este.

O sorriso de Kimberley desvanece.

Kimberley – Trabalhas para esse desgraçado que quer despejar-me e destruir o edifício onde a minha avó passou toda a vida?

Brian – Mas vamos lá... Não tenho nada a ver com isso! Desenhar planos é o meu trabalho!

Kimberley – Por que não me disseste na primeira vez que vinhas demolir a minha loja?

Brian – Porque não sabia! Foi durante essa reunião com o meu cliente que...

Kimberley – Sai imediatamente daqui!

Brian – Bem... Mas seguramente vamos nos ver novamente...

Ele vai embora.

Kimberley – Gordinho... Deveria ter desconfiado... O traidor...

Jennifer volta.

Jennifer – O cliente que acabou de sair daqui é o Brian? O que lhe disseste para ele fugir assim? Ou o que lhe fizeste...

Kimberley – Lembras-te do Gordinho?

Jennifer – Gordinho?

Kimberley – O rapaz com sobrepeso que estava connosco na escola secundária.

Jennifer – Ah sim... Gordinho... Todos gozávamos dele...

Kimberley – Bem, o Gordinho agora é o Brian.

Jennifer – Como é possível?

Kimberley – Provavelmente com uma dieta... E sabes por que ele voltou?

Jennifer – Para te cortejar?

Kimberley – Para fazer explodir o edifício!

Jennifer – O quê? Para se vingar das zombarias que sofreu naquela época?

Kimberley – Quem sabe...?

Jennifer – Gordinho... Terrorista... É incrível... E já chamaste a polícia?

Kimberley – Terrorista? Mas não... Ele trabalha para esse promotor que quer demolir o edifício para construir uma residência de luxo!

Jennifer – Ah, percebo... Gordinho... Ah, que azar... E o que vais fazer?

Kimberley – Sobre o quê?

Jennifer – Não sei... Em geral...

Kimberley – Neste momento, gostaria apenas de me pendurar na árvore com as luzes de Natal... Como a minha avó...

Jennifer – Não faças isso... Daria-lhes demasiado prazer.

Kimberley – Sim, é verdade...

Jennifer – Por agora, vamos beber uns copos num bar para esquecer todos os nossos problemas...

Kimberley – Tens razão. Eu também tomaria algo forte.

Jennifer – Também podemos comprar algumas garrafas e pedir uma pizza para entrega, se quiseres...

Kimberley – Quatro queijos?

Trocam um sorriso e saem, apagando a luz.

Escuridão.

Alex e Cindy chegam, iluminando-se com uma lanterna.

Cindy – Tens a certeza de que não corremos perigo?

Alex – Não te preocupes. Tenho amigos na polícia e contactos na câmara municipal.

Cindy – Conheces pessoalmente o presidente da câmara?

Alex – Para obter a autorização de demolição, fiz-lhe construir uma piscina de graça na sua casa de campo. Isso cria laços, acredita. E afinal, não forçamos nenhuma porta para entrar aqui. Não há arrombamento...

Cindy – Eu não sabia que havia uma porta na cave que liga a minha loja à da Kimberley...

Alex – Ninguém sabe. Estava escondida atrás de um armário. Descobri da sua existência ao examinar os planos do edifício. A cozinha é por aqui. Siga-me...

Cindy – Se nos apanharem, pensarão que somos ladrões.

Alex – Mas não vamos roubar nada! Pelo contrário...

Cindy – Achas que isso vai funcionar?

Alex – Confia em mim. (*Mostra uma sacola*) Um pouco de resina de cannabis no chocolate usado para fazer essas bolachas e tornamo-las em deliciosas bolachas espaciais...

Cindy – E não desconfiarão de nós?

Alex – A garçonete deste café já foi condenada por tráfico de drogas. Acho que a polícia começará por esse lado...

Cindy – Tu és realmente diabólico.

Alex – Sou um promotor imobiliário... E um promotor imobiliário arrisca tudo. É assim que nos reconhecemos.

Cindy – Como os tolos, queres dizer?

Alex – Nunca subestimes nem os tolos nem os promotores. Olha para o Donald Trump – era o mais tolo dos promotores, e acabou por ser eleito presidente dos Estados Unidos.

Cindy – Estou a perceber...

Saem para a cozinha com ar de conspiradores.

Escuridão.

Sentada à mesa, Kimberley faz contas, enquanto Jennifer arruma um pouco.

Kimberley – Incrível! O salão de chá não ficou vazio por três dias. E as vendas para viagem explodiram!

Jennifer – Sabia que ia resultar, mas tanto assim... Esta manhã, uma hora antes da abertura, já havia fila à porta da loja...

Kimberley – E muitos estudantes também. Não pensei que atrairíamos esse tipo de clientela.

Jennifer – Nem eu... Tinha um pouco de medo de que atraíssemos principalmente a terceira idade.

Kimberley – Vou pedir ao Kevin para fazer os cálculos. Mas isso deve tranquilizar o banco. Se com isso não me derem o crédito...

Jennifer – Já falaste com o Kevin sobre esta carta anónima?

Kimberley – Ainda não. Não quis preocupá-lo com isso. Ele tem tanto trabalho neste momento...

Jennifer – Mesmo assim, não te ajuda muito.

Kimberley – Ele trata das contas, isso já é alguma coisa. Sem ele, nunca teria conseguido montar este processo de empréstimo para o banco.

William, o carteiro, chega. Está vestido com jeans e uma camisa florida, no estilo hippie dos anos 70.

William – Olá, meninas! Hoje não há faturas nem cartas anónimas, prometo. Apenas cheques e uma carta de amor.

Kimberley e Cindy mal conseguem esconder a sua surpresa.

Kimberley – Olá William... Mas o que aconteceu contigo?

William – Queimei as faturas. E os cheques, assinei eu mesmo. (*Segurando uma carta*) Quanto à carta de amor, não tenho a certeza. Mas acreditem, pela minha experiência... Como carteiro, tenho faro para estas coisas...

Jennifer – Tens a certeza de que estás bem?

William – Ótimo! Não sei o que me aconteceu, mas desde que provei as suas bolachas de chocolate, vejo tudo cor-de-rosa.

Jennifer – Mas quando dizes cor-de-rosa... é uma expressão, certo?

William – São ainda melhores do que as da Yolanda.

Jennifer – E parece que realmente têm um efeito antidepressivo.

Kimberley – Era isso que queria dizer com afrodisíaco...

William – Podem pôr-me uma dúzia para levar?

Kimberley – Claro. Jennifer, podes tratar disso?

Jennifer – Vou já...

Jennifer sai. Kimberley abre a carta.

William – Então, esta carta de amor...?

Kimberley (*lendo*) – Está assinada por Gordinho...

William – Pelo menos não é uma carta anónima. E o que diz Gordinho? Se não for muito indiscreto, claro...

Kimberley – Ele pede desculpa e convida-me para jantar...

William – Bem, vês! Era mesmo uma carta de amor. Vais aceitar?

Ela amassa a carta.

Kimberley – Claro que não!

William pega uma bolacha da mesa e come.

William – Põe esta na minha conta. Não consigo parar de comê-las. Cada vez que como uma, lembro-me da Yaya...

Kimberley parece surpreendida com esta familiaridade.

Kimberley – Yaya? Eras tão próximo da minha avó?

William (*com um ar cúmplice*) – Na verdade... não só lhe entregava o correio.

Kimberley – Ah, sim...?

William – Yolanda fez um bom casamento. Mas o barão tinha trinta anos a mais do que ela. E quando se casou, já estava muito deteriorado.

Kimberley – E então?

William – Tua avó ainda era jovem. Tinha necessidades, sabes...

Kimberley – Erm... não. E, na verdade, preferiria nem saber. Afinal, estamos a falar da minha avó.

William – Não ficaste surpreendida por poderem ter uma filha juntos?

Kimberley – Uma filha?

William – Tua mãe!

Jennifer regressa com um saco pequeno que entrega a William.

Jennifer – Aqui está a tua dose diária, William. Avisai-te, pode ser viciante...

William – Obrigado. Tenho de continuar a minha rota. Esperançosamente, será a minha turnê de despedida em breve.

Jennifer – Vais-nos deixar?

William – Estou a reformar-me... Mas antes, quero pôr algumas coisas em ordem na minha vida. Falar-vos-ei disso mais tarde...

William vai embora.

Jennifer – Parecia um pouco estranho, não?

Kimberley – Sim... Quase me disse que era amante da minha avó.

Jennifer – O carteiro? O amante da Yaya?

Kimberley – O que achas destas bolachas de chocolate?

Cada uma trinca uma bolacha.

Jennifer – Não sei, estas têm um pequeno sabor a... Mudaste a receita?

Kimberley – Não... Um sabor a quê?

O inspetor Carvalho e o seu assistente Dos Santos chegam e olham ao redor com ar inquisitivo, sem sequer dizer olá. Kimberley e Jennifer trocam olhares surpreendidos.

Jennifer – É estranho... sinto que já vi estes dois antes...

Kimberley – Devem ser daqui... Sabes... Bonitos e burros ao mesmo tempo...

Jennifer – Estes dois parecem mais burros que bonitos.

Kimberley – Cavalheiros, é para levar ou consumir aqui?

Os dois homens não respondem de imediato e continuam a explorar o local.

Jennifer – Querem ver a carta?

Carvalho (*mostrando a placa*) – Prefiro mostrar-lhes a minha... Inspector Carvalho, e este é o meu assistente, Dos Santos.

Jennifer – Agora lembro-me onde os vi... Brincávamos de polícia e ladrão, mas não foi na escola...

Kimberley – A polícia?

Jennifer – Garanto-lhe que cumpri estritamente a minha liberdade condicional, inspector...

Dos Santos – Trataremos de si mais tarde.

Kimberley – Nesse caso... Em que posso ajudá-los, senhores?

Carvalho – Fomos informados de que coisas estranhas têm acontecido no bairro desde que abriram este bar.

Kimberley – É um salão de chá, inspector, não um bar.

Jennifer – Coisas estranhas?

Dos Santos – Alguns moradores de Mekansas City têm tido comportamentos estranhos.

Kimberley – Muita gente faz coisas estranhas, sabem. Sem a polícia vir investigar. Ontem à noite, por exemplo, pedi uma pizza de quatro queijos e acabou...

Jennifer (*interrompendo*) – Bem, Kimberley, isso não é o assunto... Também não acho que estes senhores estejam aqui por isso.

Kimberley – Mas quando diz estranho...

Jennifer – Podem dar-nos um exemplo?

Carvalho – Por exemplo... o padre da igreja começou a cantar uma canção obscena no momento da comunhão.

Kimberley – Nossa... Que canção?

Dos Santos – A cortesia impede-me de citar as palavras diante de vocês.

Carvalho – Depois, durante a comunhão, o padre distribuiu biscoitos de chocolate aos fiéis em vez das hóstias habituais.

Kimberley – Sério?

Carvalho – Biscoitos que comprou na sua loja e aparentemente fez um consumo excessivo.

Dos Santos – Para não mencionar a overdose...

Kimberley – O senhor padre é um dos nossos melhores clientes, na verdade.

Jennifer – Já sabem como é, desde que já não têm coroinhas... descontam no pecado da gula.

Kimberley – Canções obscenas durante a missa e biscoitos em vez de hóstias... Pode ser blasfêmia, mas não é um crime punido pela lei.

Dos Santos – Logo após o serviço, prendemos uma dezena desses estranhos fiéis que estavam a tomar banho nu numa fonte em frente à igreja.

Carvalho – E isso é uma perturbação da ordem pública.

Kimberley – É estranho, claro. Mas o que temos nós a ver com essa história?

Dos Santos – Depois de investigar, todas as pessoas arrastadas por essa loucura têm algo em comum.

Carvalho – Todas elas consumiram os biscoitos de chocolate no mesmo dia.

Jennifer – E como chegaram a essa conclusão, Inspector Columbo?

Carvalho – Carvalho. Inspector Carvalho.

Dos Santos – Recebemos uma carta anónima.

Kimberley – Ah, vocês também...

Carvalho – Então teremos que confiscar a mercadoria para analisar. Onde está a cozinha?

Kimberley – Está por aqui...

Carvalho – Dos Santos, podes ir.

Dos Santos – Certo, chefe...

Dos Santos parte.

Kimberley – Não entendo, inspector... Para fazer esses biscoitos, uso a receita que a minha avó me deu.

Carvalho – E pode afirmar que essa receita não contém cannabis nos ingredientes?

Kimberley – Realmente acham que a minha avó colocava drogas nos seus biscoitos?

Carvalho – Não sei sobre a sua avó... O que sei é que esta jovem já foi condenada por tráfico de drogas.

Jennifer – Juro-lhe, inspector... Kimberley, acredita em mim, por favor...

Kimberley – Eu acredito em ti, Jennifer.

Dos Santos volta com os biscoitos numa caixa. Ele está mastigando algo.

Carvalho – Vamos analisar isso e veremos. (*Dos Santos morde um biscoito.*) E pare de comer essas evidências, Dos Santos!

Dos Santos – Desculpe, chefe, não consigo evitar.

Kimberley – Espere, inspetor... Também recebi uma carta anónima.

Carvalho – Hum...

Dos Santos – Mostre-me.

Kimberley entrega a carta que recebeu e ele a examina.

Dos Santos – Não está assinada, chefe.

Jennifer – Claro, porque é uma carta anónima.

Dos Santos – Ah, entendi...

Carvalho retira a carta das mãos dela.

Carvalho (*lendo*) – "Acabarás como a tua avó"...

Kimberley – É uma ameaça de morte, certo?

Dos Santos – Depende de como sua avó morreu, porque se foi de velhice, por exemplo. Ou de um ataque cardíaco. Ou num acidente de trânsito. Ou num acidente doméstico...

Carvalho lança a ele um olhar exasperado e ele para.

Carvalho – Sua avó foi assassinada?

Kimberley – Não sei... É seu trabalho me dizer isso.

Carvalho – Como se chamava sua avó?

Kimberley – Yolanda. Mas a chamávamos de Yaya.

Carvalho – Yolanda... Sim, lembro-me... Abrimos uma investigação naquela época... Consideramos a possibilidade de um assassinato, mas como não encontramos evidências de arrombamento...

Dos Santos – Concluímos que foi um suicídio.

Carvalho (*para Dos Santos*) – Me mostre a carta anónima que recebemos na esquadra para informar sobre esse assunto dos space cakes...

Dos Santos (*entregando a carta*) – Aqui está, chefe.

Carvalho compara as duas cartas anónimas.

Carvalho – É a mesma tipografia!

Jennifer – As letras devem ter sido recortadas da mesma revista...

Carvalho – Vamos investigar tudo isso... e os manteremos informados. Enquanto isso, pediria que não deixassem a cidade.

Kimberley – Posso continuar a vender meus biscoitos enquanto isso?

Dos Santos – O que acha, chefe?

Carvalho – Afinal... até que o laboratório prove que são space cakes, esses biscoitos gozam da presunção de inocência...

Dos Santos – Evite vendê-los a menores, é claro...

Jennifer – Eles eram nossos clientes mais leais, mas tudo bem...

Carvalho e Dos Santos saem.

Kimberley – Só faltava isso... Tem certeza de que não tem nada a ver com isso?

Jennifer – Por que eu faria algo assim?

Kimberley – Se era para aumentar as vendas, conseguiu. Mas agora corremos o risco de um encerramento administrativo. E até mesmo de prisão...

Jennifer – Juro pela vida da tua avó que não tenho nada a ver com isso.

Kimberley – Minha avó está morta.

Jennifer – É verdade... De maneira bastante misteriosa, aliás...

Kimberley – Só nos resta esperar pelos resultados da investigação. Nem ti nem eu colocamos drogas nesses biscoitos.

Jennifer – E tu és a única com as chaves daqui.

Kimberley – Não vejo como essas análises poderiam nos incriminar.

Jennifer morde um dos biscoitos.

Jennifer – Mas é verdade que esses têm um sabor estranho...

William volta.

Kimberley – William, tens mais correspondência para mim?

William – Não...

Jennifer – Então também ficaste viciado nos nossos biscoitos...

William – Essa não é a razão da minha visita.

Kimberley – Então, o que está acontecendo?

William – É sobre a Yolanda. Não contei a vocês toda a história...

Kimberley – Não é realmente o momento, sabes...

William – Fui amante da tua avó... quando era jovem.

Kimberley – Olha, William... Entendo perfeitamente que minha avó possa ter sido uma mulher antes de se tornar a Yaya, mas te disse, não tenho certeza se quero saber os detalhes da vida amorosa dela... Nem os nomes dos amantes.

William – Tenho boas razões para acreditar que sou o pai da tua mãe.

Kimberley – O pai da minha mãe? Quer dizer que eu seria tua neta?

Jennifer – E, portanto, que serias a avó dela.

William – Sim, exatamente, isso é o que queria dizer.

Kimberley fica chocada.

Jennifer – Deixo-vos em família...

Ela sai.

Kimberley – Mas por que não disse isso antes, se for verdade?

William – Quando conheci a Yolanda, ela ainda não estava casada. Mas eu estava...

Kimberley – E ela engravidou de ti.

William – Não tive coragem de deixar a minha esposa. Yolanda queria ficar com o bebé. Ela concordou em se casar com o barão, com quem já trabalhava como criada.

Kimberley – Ele sabia que ela estava grávida quando lhe pediu a mão?

William – Sim. Não escondeu nada dele. Mas ele a amava. E ela sentia afeição por ele. Ela concordou que ele desse o nome dele à filha que carregava.

Kimberley – E depois?

William – Depois... o tempo passou... Yolanda estava casada. Não quis comprometê-la.

Kimberley – Mas com a morte do meu avô, poderias ter...

William – A tua mãe estava tão orgulhosa por ser descendente de um barão de Casteladrón. Não tive coragem de lhe dizer que ela era filha do carteiro...

Kimberley – Pode ter sido um choque para ela...

William – De qualquer forma, és minha neta. Nunca pensei que pudesse dizer-te algum dia. Não sei por que estou a fazê-lo hoje...

Kimberley – Deve ser por causa do efeito desses space cakes...

Samantha volta e cumprimenta o carteiro.

Samantha – Senhor...

William (*envergonhado*) – Olá, Samantha... Deixo-vos...

Ele sai. Samantha também parece estranha. Seu traje é muito mais relaxado do que da primeira vez.

Samantha – Esse carteiro me parece bastante familiar... Como ele sabe que meu nome é Samantha?

Kimberley – Quem sabe... Talvez tenha sido ele quem escolheu esse nome idiota para ti...

Samantha – Sempre odiei isso...

Kimberley – O carteiro?

Samantha – Meu nome! Mas por que dizes que o carteiro teria escolhido meu nome?

Kimberley – Esquece... Estás bem? Estás diferente...

Samantha – Não sei. Desde que provei novamente esses biscoitos...

Kimberley – Ah não, não contigo...

Samantha – Nem sempre fui uma boa mãe, eu sei...

Kimberley – Não te culpo, está bem. E agora, não tenho muito tempo...

Samantha – De qualquer forma, também não fui uma boa filha.

Kimberley – Ah sim...

Samantha – Queria que soubesses que, apesar de tudo, eu gostava muito da tua avó.

Kimberley – Tua mãe, então... É tão difícil dizer isso?

Samantha – É verdade que me dava um pouco de vergonha. Para todos, era a criada do barão. Que se casou com ele apesar da idade avançada para assegurar a herança dele.

Kimberley – Sério...? O barão estava falido. Melhor dizer que se casou com a criada para deixar de lhe pagar...

Samantha – De qualquer forma, a tua avó sempre foi muito gentil comigo.

Kimberley – E...?

Samantha – Hoje, lamento não lhe ter dito o suficiente que a amava...

Kimberley – Isso não foi o que disseste há algum tempo...

Samantha – Não sei, devem ser esses biscoitos.

Kimberley – Os biscoitos...?

Samantha – Inicialmente, foi para mim que a Yolanda inventou esta receita de biscoitos, sabes? Não os provava há tanto tempo...

Kimberley suspira.

Kimberley – Eu também gostava muito da Yaya... Cada vez que como um desses biscoitos, é como se entrasse numa comunhão secreta com ela. Como uma hóstia na missa, percebes?

Samantha – Ah, sim, claro...

Kimberley – Sinto a presença dela por todo lado nesta loja. Um dia, até pensei vê-la na adega...

Samantha – Agora isso está ficando bastante assustador...

Kimberley – Aliás, sabes como a avó morreu?

Samantha – Nunca soubemos. Mas sempre pensei que o desaparecimento dela talvez não tenha sido um acidente.

Kimberley – Wow...

Samantha – Mesmo antes da morte dela, um promotor veio vê-la. Queria comprar todos os apartamentos deste prédio, e a tua avó não queria vender o dela...

Kimberley – A polícia acabou de sair daqui, precisamente.

Samantha – A polícia? O que queriam?

Kimberley – Essa é outra história... Agora, deixa-me, tenho muitos problemas para resolver.

Samantha – Sabes que podes contar comigo, querida. Afinal, sou tua mãe.

Kimberley – Ah sim, tem a certeza disso?

Samantha – Mas vamos lá, Kimberley...

Kimberley – Ligar-te-ei depois, prometo...

Kimberley empurra a sua mãe para fora. Kimberley suspira. Mas o seu alívio é de curta duração. Kevin volta.

Kevin – Acabei de encontrar a tua mãe. Não costuma vir visitar-te com frequência. O que queria?

Kimberley – Contar-te-ei noutra altura...

Kevin – Melhor, porque não tenho muito tempo... Já pensaste na oferta daquele promotor?

Kimberley – Ele está a enviar-me ameaças de morte, e queres que ceda a esta chantagem?

Kevin – Que história é essa?

Kimberley – Recebi uma carta anónima.

Kevin – Se é anónima, como sabes que foi ele que a enviou?

Kimberley – Minha mãe também suspeita que ele matou minha avó.

Kevin – Pensava que tua avó morreu acidentalmente ao cair de um banco enquanto tentava enforcar-se...

Kimberley – Quem te contou isso?

Kevin – Mas vá lá, Kimberley, foste tu!

Kimberley – Ah sim, talvez... Bem, estava errada, aparentemente. Todos podem estar errados, não é?

Kevin – Então, como morreu?

Kimberley – Tendo a pensar que foi um assassinato disfarçado de suicídio acidental.

Kevin – Ah sim... Isso é muito mais credível...

Kevin pega distraído um biscoito, morde e faz uma careta.

Kimberley – Não gostas?

Kevin – Há um cabelo dentro. E quando digo um, deveria dizer vários... Deverias ter cuidado...

Kimberley – Eu? Mas eu não perco meu cabelo!

Carvalho e Dos Santos regressam.

Carvalho – Acabamos de receber os resultados do laboratório.

Kevin – O laboratório? (*Para Kimberley*) Estás doente, querida? Não é grave, certo...? (*Mais preocupado*) Não me digas que estás grávida...

Carvalho – Desculpa, mas não fazemos testes de gravidez.

Dos Santos – Pensam que temos cara de ginecologistas?

Kevin – Vocês parecem mais assassinos... Então, quem são?

Kimberley – Estes senhores são da polícia.

Kevin – A polícia?

Carvalho – Inspetor Carvalho. Estamos a investigar um caso de estupefacientes.

Kevin – E daí?

Dos Santos – O laboratório é conclusivo: os produtos analisados contêm, além do chocolate, uma dose muito alta de resina de cannabis.

Carvalho – Em outras palavras, os biscoitos da Yaya são space cakes.

Kevin – Os biscoitos da Yaya?

Kimberley – Mas isso não é possível. Deve haver uma explicação.

Carvalho – Enquanto nossa investigação termina, este estabelecimento será fechado em breve. Estamos à espera da decisão do juiz...

Kimberley – Fechar a nossa casa de chá logo depois de abri-la? Seria a falência certa...

Carvalho – Claro, você será acusada de tráfico de drogas.

Kevin – Mas vamos lá, Kimberley, me diga que é uma brincadeira...

Carvalho – Pareço estar brincando, caro senhor?

Dos Santos – Infelizmente para vocês, não estamos nos Países Baixos. As coffee shops ainda não são legais em Kansas. Foi a sua funcionária quem lhes forneceu a droga?

Kimberley – A Jennifer?

Carvalho – Já foi condenada por envolvimento com drogas e tem antecedentes.

Kimberley – Mas estou dizendo que não temos nada a ver com isso!

Dos Santos – Nesse caso, como explica a presença de drogas nestes biscoitos que você mesma fabrica?

Kimberley – Deve ser uma armadilha para fechar meu estabelecimento. Procurem a quem beneficia o crime...

Dos Santos – Falando de crime, vamos reabrir a investigação sobre a morte da sua avó...

Kimberley – Por que agora?

Carvalho – Esta carta anônima que você recebeu sugere que foi um assassinato, não?

Kimberley – Não estão me acusando de ter matado minha avó, estão?

Dos Santos – Como você diz, prezada senhora, procure a quem beneficia o crime. Você foi a herdeira da vítima, certo?

Kimberley – É melhor também olharem para o promotor que quer comprar o prédio. Minha avó se recusou a vender o apartamento para ele...

Carvalho – Não deixaremos passar. Enquanto isso, esteja à disposição da polícia...

Carvalho e Dos Santos saem.

Kevin – Então você está envolvida em um caso de tráfico de drogas... E pensávamos em nos casar... Quer que seja um capelão da prisão a celebrar nossa união?

Kimberley – Obrigada pelo seu apoio, é reconfortante.

Kevin – Ok, sempre achei que abrir este salão de chá não era uma boa ideia. Infelizmente, os fatos estão me provando certo. Agora, acho que o mais simples seria tu vender, não?

Kimberley – Vender? Para o cabrão que talvez tenha assassinado minha avó?

Kevin – Não vamos nos precipitar. Esse tipo pode ser um trapaceiro, mas não necessariamente um assassino.

Kimberley – Ele é um promotor!

Kevin – Também há promotores honestos...

Kimberley – Ah sim? Quem, por exemplo?

Kevin – Não me ocorre nenhum nome agora, mas devem existir.

Kimberley – Deixo te pensar. Tenho coisas a fazer, me desculpa?

Kevin – Kimberley, espera! Ainda podemos conversar...

Kimberley sai. Cindy chega.

Cindy – Olá, lembrás de mim?

Kevin – Diana?

Cindy – Cindy.

Kevin – Cindy...

Cindy – Estávamos na mesma turma no colégio. Chegamos a namorar por um tempo, lembra-te?

Kevin – Não...

Cindy – Está um pouco decepcionante, mas ok... Ainda assim, me sinto orgulhosa de ter saído com o galã da escola por algumas horas... Mesmo que eu tenha te embriagado antes para conseguir isso...

Kevin – Ah sim?

Cindy – Bom, foi antes de tu te tornares um conquistador de corações... Tinhas onze anos. Estavas cheio de espinhas. Naturalmente, tinhas menos opções. E foi muito antes de tu conheceres a Kimberley.

Kevin – Desculpa, eu... Cindy... Ah sim, talvez...

Cindy – Deixa pra lá, isso está ficando desconfortável... Fiquei sabendo dos problemas da Kimberley... Como ela está?

Kevin – Mal... Ela se meteu em uma situação muito complicada.

Cindy – Mas quando dizes complicada...

Kevin – Ela corre o risco de ser presa.

Cindy – Oh, droga... E o salão de chá dela?

Kevin – Eu a aconselhei a vender. Enquanto ainda há tempo...

Cindy – Tens razão... Na verdade, eu também preferiria vender minha loja para esse promotor em vez de para a Kimberley. Ele me oferece o dobro! Infelizmente, eu já assinei um compromisso. Então, já é tarde, certo?

Kevin – A menos que a Kimberley renuncie por conta própria ao compromisso de compra.

Cindy se aproxima de Kevin.

Cindy – É engraçado, eu tive a mesma ideia...

Kevin (*irritado*) – Mentas brilhantes pensam igual.

Cindy – Sim... Poderíamos fazer coisas incríveis juntos... se tu não estivesses apaixonado pela Kimberley.

Ela o abraça.

Kevin – Foi um erro de navegação, percebo agora...

Cindy – Então permita-me te colocar de volta no caminho certo. Tenho planos para nós dois. Não vais ficar contador a vida toda...

Kevin – Que tipo de planos?

Cindy – Alex me ofereceu a gerência do Starfucks que será instalado aos pés deste prédio...

Kevin – Acho que somos feitos um para o outro.

Jennifer chega, ouve o final da conversa e os vê se beijando. Kevin e Cindy saem. Kimberley volta.

Kimberley – Quem era?

Jennifer (*envergonhada*) – Cindy. Disse que voltaria...

Kimberley – É gentil que ela tenha vindo perguntar como estou. É na adversidade que se reconhecem as verdadeiras amigas.

Jennifer – Sim...

Kimberley pega outro fio de cabelo do chão.

Kimberley – Está realmente perdendo muito cabelo.

Jennifer – Sim...

Kimberley – Depois de todos esses anos, é surpreendente que ainda tenha alguns cabelos na cabeça...

Brian chega com um buquê de flores.

Brian – Oi.

Kimberley – O que é isso?

Brian – Bem, como vês, flores... Comprei ali na esquina...

Kimberley – Deveria ter me trazido uma coroa. Em homenagem a esta casa de chá que logo fechará suas portas. Graças a ti...

Jennifer – Para ser substituída por um Starfucks Café...

Silêncio desconfortável.

Brian – Recebeste a minha carta?

Kimberley – Qual? A que assinaste ou a carta anônima?

Brian – Recebeste uma carta anônima?

Kimberley – Pensei que te disse para nunca mais voltares.

Brian – Fiquei sabendo do que está a acontecer contigo.

Kimberley – Isso convém a ti, não é? E também ao teu chefe...

Brian – Sinto muito. É evidente que és vítima de uma manipulação. Mas quem poderia ter feito isso e porquê?

Kimberley – Alguém que tem interesse em que esta loja feche o mais rápido possível, por exemplo...

Jennifer – Alguém como o Alex Propina, teu chefe?

Brian – O Sr. Propina não é meu chefe. Apenas é um cliente. Um cliente importante, mas apenas um cliente...

Kimberley – O que não entendo é como ele pôde entrar na minha cozinha sem forçar a porta...

Brian – Acho que tenho uma ideia...

Kimberley – Desculpa, não tenho tempo para brincar de adivinhação...

O telemóvel de Kimberley toca e ela atende.

Kimberley – Sim? Ah, sim, estava à espera da sua chamada. Então? Recusado? Como assim recusado? Por que motivo? As minhas contas estão negativas? Mas você disseste que... Espere! Desligou...

Jennifer – Quem era?

Kimberley – O banco... Recusaram-me o crédito. Não entendo, tivemos vendas muito boas nos últimos dias...

Jennifer – Graças aos space cakes...

Brian – Não há outros bancos, certo?

Kimberley – É o único que quis rever o nosso histórico...

Brian – Entendi.

Kimberley – Portanto, não posso cumprir o compromisso que assinei. Alex comprará a loja da Cindy... E como o meu salão de chá está prestes a fechar por ordem judicial...

Jennifer – É o fim...

Brian – Não desesperem. Lutaremos. Vou ajudar-vos.

Kimberley – O Gordinho vai ajudar-nos. Sinto-me muito mais aliviada imediatamente...

Brian – Posso ver os registos do teu salão de chá?

Jennifer – Tu és arquiteto! Não contabilista...

Brian – Também sou empresário. Sei ler um balanço.

Kimberley e Jennifer olham-se hesitantes.

Corte

Brian termina de revisar os registos, na presença de Kimberley e Jennifer.

Kimberley – Então...?

Brian – As tuas contas foram manipuladas.

Jennifer – Manipuladas? O que isso significa?

Brian – Significa que o teu contabilista minimizou os ativos e sobrevalorizou os passivos. Então, o teu balanço aparece em défice, quando na realidade tem um pequeno excedente.

Kimberley – Normalmente, quando se manipula o balanço, costuma ser ao contrário, não é verdade?

Brian – De facto. Isso é o que me surpreende.

Jennifer – Bem... E agora?

Brian – A boa notícia é que a tua situação financeira não é tão catastrófica.

Kimberley – E a má?

Brian – É que é demasiado tarde para obter uma nova autorização bancária para o teu crédito, antes da data limite do compromisso de compra da loja ao lado...

Jennifer – Mas afinal... Quem poderia ter feito isto?

Brian – Quem cuida das tuas contas?

Kimberley – É o Kevin. Meu noivo.

Brian – Claro, também poderia ser um erro grosseiro da parte dele. Se não souber nada de contabilidade. A que se dedica o teu... noivo?

Jennifer – É contabilista.

Brian – Nesse caso, é impossível que tenha cometido um erro assim.

Kimberley – Foi ele também quem preparou o expediente para o banco.

Jennifer – Teria apresentado intencionalmente contas negativas ao banco.

Brian – Parece muito provável...

Jennifer – Mas porquê?

Brian – Se ele quisesse que o teu empréstimo fosse recusado, não o teria feito de outra forma...

Kimberley – O Kevin sempre tentou dissuadir-me de abrir este salão de chá. Queria que vendesse para aquele promotor e que usássemos o dinheiro para abrir a sua própria consultoria contábil.

Brian – Daí a trair-te assim...

Kimberley – O que poderia tê-lo motivado a fazer isto?

Jennifer – Ou quem...?

Kimberley – Sabes de alguma coisa?

Jennifer – Vi-o a beijar a Cindy. E ouvi-os a conspirar algo contra ti às tuas costas.

Kimberley – Porque não me disseste nada?

Jennifer – Não tive coragem! É o teu noivo...

Kimberley assimila o golpe.

Kimberley – Já não o é, garanto-te...

Brian – Menos mal... Quero dizer... Felizmente apercebemo-nos disto...

Kimberley – Sim...

Brian – Temos de informar a polícia.

Jennifer – Falando do diabo...

Dos Santos e Carvalho voltam.

Brian – Ah, estão mesmo a tempo, inspectores.

Carvalho – Obrigado pelos ânimos. É uma fórmula de boas-vindas que, infelizmente, ouvimos muito raramente na nossa profissão.

Kimberley – O juiz tomou uma decisão? Vêm selar as portas deste estabelecimento?

Carvalho – Tranquelize-se, acabámos de encerrar a nossa investigação e as notícias são bastante boas. Pelo menos para vocês...

Dos Santos – Encontrámos vários cabelos na massa dos biscoitos...

Carvalho – Podemos dizer até um grande tufo.

Dos Santos – E esse grande tufo pertence a uma tal Cindy.

Brian – Cindy? A florista ao lado?

Kimberley – É verdade que ela perde muito cabelo, não é?

Dos Santos – Também encontrámos as impressões dela por toda a cozinha do teu salão de chá.

Carvalho – Trabalho de amador...

Kimberley – E então?

Carvalho – Isso prova que, de facto, foste vítima de uma conspiração.

Dos Santos – Além disso, depois de algumas pancadas com o guia telefónico na cabeça, a Cindy confessou de forma espontânea e completa.

Kimberley – Então, não vão fechar o salão de chá?

Carvalho – Não. Estão completamente inocentadas.

Jennifer – E a Cindy?

Dos Santos – Está sob custódia. E arranca os cabelos. É impressionante, acredita...

Carvalho – Alega ter agido por ordem do promotor que quer demolir este edifício. Mas ele cuidou para não deixar rasto...

Brian – E é mais resistente às pancadas com o guia telefónico...

Carvalho – Mais vale dizer que tem demasiadas conexões de alto nível para que se possam usar esse tipo de métodos com ele.

Brian – É uma pena. Bem, pelo menos o teu salão de chá poderá permanecer aberto.

Kimberley – Infelizmente, se eu não conseguir este crédito para expandir, não servirá de nada. Esta loja é demasiado pequena.

Brian – As contas da senhora foram manipuladas pelo seu contabilista... Como resultado, o crédito foi recusado.

Carvalho – Claro, pode sempre apresentar uma queixa, mas levará meses, até anos...

Kimberley – Realmente não vejo como vou sair disto.

Jennifer – Vendemos muito nos últimos dias, mas é evidente que as vendas diminuirão se voltarmos à receita tradicional...

Carvalho – No entanto, recomendaria que deixassem de lado os space cakes...

O telefone de Dos Santos toca e ele atende.

Dos Santos – Sim? Está bem, vamos já... (*Guarda o telefone*) Temos que ir, chefe. Um assalto no Crédito Solidário.

Kimberley – O Crédito Solidário! Esse é o meu banco!

Carvalho – E onde fica isso?

Kimberley – Mesmo em frente.

Jennifer – Espero que pelo menos não nos culpem por este roubo... Eles são testemunhas de que não nos mexemos daqui.

Carvalho – Por favor, desculpem-nos... O dever chama-nos... Proteger e servir, essa é a nossa consigna...

Dos Santos – Senhores...

Carvalho – Faça o favor de passar à frente, Dos Santos... Parece-me que ouvi tiros...

Carvalho e Dos Santos saem.

Brian – Sinto muito... Se pudesse, emprestava-vos o dinheiro que precisam. Infelizmente, as minhas contas também estão no vermelho... Iniciei o meu gabinete de arquitetura há seis meses... e não tardarei em perder um grande cliente. Olhem, aqui está ele, precisamente...

Alex volta.

Alex – Fico muito contente por saber que foi absolvida neste caso de drogas, estimada senhora.

Kimberley – Um caso que o senhor inventou para me forçar a fechar a loja.

Alex – Infelizmente, como sabem, para o banco é tarde demais. O prazo expirou. E o compromisso que assinou com a Cindy caducou.

Kimberley – Convém-lhe, não é?

Alex – Compro o espaço ao lado. E ainda estou interessado no seu... Seria melhor vender-me enquanto ainda estou disposto a pagar um bom preço. Seja razoável...

Kimberley – Com a sua licença, vou pensar um pouco mais...

William volta.

William – Soube das tuas dificuldades. Trago as minhas economias. Não é grande coisa, mas se puder ajudar...

Deixa um saco com notas na mesa. Jennifer olha para dentro.

Jennifer – Quanto há aí?

William – Vinte e três mil euros. Esvaziei a minha poupança...

Kimberley – Mas estás louco!

William – Sou teu avô, afinal.

Samantha chega, seguida de Gregory. Samantha ouve a última frase.

Samantha – Teu avô? O carteiro? Isso é uma piada...

Kimberley – Receio que não...

Samantha – Então... quem é tua mãe?

Kimberley – Mãe... Certamente sabes quem é minha mãe, não sabes?

William – Não pensei em contar-lhe assim, mas... sou teu pai, Samantha.

Samantha – Tu? O amante da minha mãe? E serias meu pai?

Gregory – E eu que pensava que me tinha casado com a filha de um barão de Casteladrón.

Samantha – Oh, tu, está bem... Tudo isto não é da tua conta.

Gregory – Ei, suavemente, baronesa. Não é da minha conta? Durante vinte e cinco anos, decidias tudo. Porque supostamente tinhas sangue azul. Mesmo sendo apenas filha da criada. E agora descobro que também és filha do carteiro.

Samantha – E então? O que vais fazer, génio?

Gregory – O que vou fazer? Vou começar por ajudar a minha filha dando-lhe o dinheiro que precisa. Embora me tenhas proibido de fazer isso até agora. Mas diz-me... é realmente minha filha?

Samantha – Bem, Gregory, claro que é tua filha.

Alex – Que terna cena familiar!

Gregory pega no talão de cheques.

Gregory – Quanto precisas para manter o teu salão de chá, querida?

Samantha – Não ponhas muitos zeros, Gregory...

Kimberley – Obrigada, papá, mas...

Alex – Mas todo esse dinheiro não lhe servirá de nada. É tarde demais. Acabei de comprar o local ao lado. E sem essa perspectiva de expansão, este projeto de salão de chá não tem futuro.

Gregory aproxima-se de Alex, ameaçador.

Gregory – O que quer este, com cara de proxeneta e olhos de peixe morto?

Gregory recua prudentemente.

Kimberley – Deixa lá, papá, não serviria de nada.

Gregory – E, aliás, quem é ele?

Kimberley – Um canalha, explico-te depois... Mas desta vez ele venceu. E é preciso saber reconhecer a derrota.

Alex tira um contrato.

Alex – Só tens que assinar aqui...

Kimberley – Sinto que estou a vender a minha alma ao diabo.

Ela assina.

Alex – Só faltava essa assinatura para obter a autorização para demolir este edifício...

Gregory – Tenham cuidado de qualquer forma... Se fizerem mal à minha filha, serei eu quem vos demole. Com ou sem autorização...

Corte.

Kimberley entra com uma caixa que contém alguns objetos pessoais. Jennifer chega com outra caixa.

Kimberley – E pronto, acabou... Esta noite, este edifício não será mais do que um monte de ruínas...

Jennifer – É incrível... Nunca teria imaginado isto...

Kimberley – Toda a minha juventude está prestes a tornar-se pó. Todos os dias, depois da escola, antes de ir para casa, ia lanchar a casa da Yaya. De maneira alguma teria perdido a oportunidade de desfrutar das suas famosas bolachas...

Jennifer – Sim, eu também... Era muito ligada a este edifício. Meus pais moravam no terceiro andar. E à noite, depois do lanche, traficava um pouco de erva no vestíbulo...

Kimberley – Eram bons tempos...

Jennifer – E agora, o que vão fazer?

Kimberley – O que fazer com o quê?

Jennifer – Para destruir isto!

Kimberley – Colocaram cargas explosivas por toda a estrutura do edifício. Só precisam acionar o detonador. Mas não te preocupes, vão esperar que tenhamos saído para carregar no botão.

Jennifer – Sinto-me mais tranquila imediatamente...

Kimberley – Esse patife deu-me permissão para vir buscar algumas coisas antes de fazerem explodir tudo.

Jennifer – É melhor não perdermos tempo aqui... O que fazemos com esta maldita árvore de Natal?

Kimberley – Não tive coragem de tirar as decorações. Vamos deixá-lo aqui. Em memória da minha avó.

Jennifer – Ficará soterrado sob os destroços, assim como todas as esperanças que tínhamos para este projeto...

Kimberley – O que estás a dizer é bonito. Dá-me vontade de chorar...

Jennifer – Yaya... Revirar-se-á no túmulo ao ouvir que o seu edifício está a desabar...

Kimberley – É verdade... Mesmo que já não esteja, a sua presença sente-se por toda parte aqui. Sempre que desço à cave, sinto uma espécie de corrente de ar. Não sei de onde vem. Às vezes, imagino que é o espírito da minha avó.

Jennifer – Acabas por me assustar... Acabei de subir da cave...

Kimberley – Lamento muito ter-te envolvido nesta história...

Jennifer – Sou eu... Sei que este projeto significava muito para ti.

Kimberley – E agora, o que vais fazer...?

Jennifer – Não sei... Talvez volte a traficar um pouco...

Kimberley – Não vais fazer isso!

Jennifer – Estou a brincar, calma... E tu, o que vais fazer?

Kimberley – O meu pai propôs-me trabalhar com ele na oficina...

Jennifer – Não te vejo a mudar óleo para os clientes. Nem sabes trocar um pneu...

Kimberley – Trabalharei em contabilidade. Eu que fiz de tudo para evitar isso...

Jennifer – Pelo menos não vais trabalhar para o Kevin...

Kimberley – Que vá para o inferno.

Jennifer – E o Brian?

Kimberley – Não o vi mais...

Jennifer – É uma pena... Poderias ter dado conselhos a ele sobre renovar o guarda-roupa...

Kimberley – Tens razão... Perder quarenta quilos é bom, mas se for para continuar a vestir a mesma coisa...

Jennifer – Bem... É hora de ir. Vens?

Kimberley – Vai tu. Fico mais um segundo. Para me despedir da Yaya...

Jennifer – Se vires o fantasma dela, manda cumprimentos da minha parte... Boa sorte, Kimberley.

Kimberley – Tu também, Jennifer.

Jennifer sai. Kimberley olha para a árvore. Brian chega. Está vestido com roupas feitas à medida e bem cortadas, o que lhe assenta muito melhor.

Brian – Olá, Kimberley... Vi-te entrar... Mas, o que estás a fazer aqui ainda?

Kimberley – Os assassinos sempre voltam ao local do crime...

Brian – Mataste alguém?

Kimberley – Não... Dizia isso por ti...

Brian – Ah, percebi... Não entendi...

Kimberley – Sabes... Os habitantes de Mekansas City, bonitos e burros ao mesmo tempo... Mas falando nisso, vejo-te diferente...

Brian – Finalmente decidi superar a perda de peso e comprei roupa do meu tamanho. Mas não devíamos ficar aqui, sabes...

Kimberley – Vais ser tu quem vai acionar o detonador?

Brian – Denunciei o contrato que tinha com Alex Propina. Já não trabalho para ele. Pode ser que não melhore a minha situação financeira, mas pelo menos estarei em paz com a minha consciência...

Kimberley – Infelizmente, isso não mudará muita coisa... Pelo menos, Yaya não verá este edifício desmoronar.

Brian – Daria tudo para poder evitar isto, acredita.

Kimberley – Acredito.

Brian – Temos de ir agora.

Ela baixa-se e apanha a estrela caída ao pé da árvore.

Kimberley – Só um momento, por favor... A estrela voltou a cair. É puramente simbólico, mas vou colocá-la uma última vez no topo da árvore. Como um último desafio...

Kimberley pega na estrela e olha para ela com curiosidade.

Brian – O que é isso?

Kimberley – Há uma nota rabiscada atrás da estrela... Nunca tinha reparado. É a caligrafia da minha avó...

Brian – Uma despedida? Enquanto estava a viver os seus últimos momentos? O que diz?

Kimberley – Alex matou-me...

Brian – Propina? Queres dizer...

Kimberley – É o que está escrito.

Brian – Sabia que estava disposto a tudo para tomar posse deste edifício... mas não pensei que chegaria tão longe.

Kimberley – Propina... Mas então... tudo muda.

Brian – Se for condenado por assassinato, irá para a prisão. A venda será anulada. E tudo volta a ser possível!

Kimberley – Tu achas?

Brian – Tenho certeza, Kimberley. Ainda há tempo para impedir a demolição deste edifício. Vamos falar com a polícia...

Kimberley – Obrigada, Brian. E desculpa por ter sido tão injusta contigo.

Abraçam-se brevemente.

Brian – Não há tempo a perder... Depois teremos toda a vida pela frente...

Alex aparece, como saído do nada.

Alex – Não tão rápido!

Kimberley – Mas afinal... Por onde é que entraste?

Brian – Entrou como as ratas, pela adega...

Kimberley – Eu sei que foste tu que matou a minha avó! Não escaparás à justiça!

Alex saca uma pistola.

Alex – Levarás esse segredo para a sepultura. Tal como a tua avó. O edifício está cheio de explosivos. Só tenho de ativar o detonador.

Brian – Mas estás louco!

Alex – Bebe isto...

Brian – Veneno?

Alex – Apenas um narcótico potente.

Kimberley – Um narcótico? O que significa isso...?

Alex – Encontrarão os corpos deles entre os destroços... E pensará que foi um acidente. Afinal, não têm absolutamente nenhum direito de estar aqui.

Kimberley – Tu mesmo me autorizaste a estar aqui!

Brian – Foi para te apanhar, Kimberley... E eu também caí na armadilha.

Kimberley – Voltaste para me salvar... e agora vais morrer por minha causa.

Alex – Chega de conversa... Bebe, digo-te! (*A Brian*) Tu primeiro.

Alex entrega uma garrafa a Brian. Brian finge beber, mas em câmara lenta, como num filme ruim, faz um movimento para pegar na pistola. Um tiro soa. Brian cai, ainda em câmara lenta. Volta ao ritmo normal.

Kimberley – Oh, meu Deus... Mataste-o!

Alex – Não importa, ia morrer de qualquer maneira. Também tu, aliás. Bebe!

Volta a câmara lenta. Kimberley pega na garrafa e está prestes a beber. Nesse momento, aparece o fantasma de Yolanda (silhueta enorme coberta por um lençol branco ou um pano de gosto duvidoso). O fantasma será interpretado por um dos atores (ou atrizes) que ficaram nos bastidores.

Fantasma (*voz de ultratumba em câmara lenta*) – Pensaste que poderias escapar à justiça dos homens, Propina, mas não poderás escapar à de Deus!

Petrificado, Alex larga a arma. Volta ao ritmo normal. O fantasma pega na arma e atira-a a Kimberley, que a apanha no ar.

Kimberley – Obrigada, Yaya! Agora podes ir, tenho a situação sob controlo...

O fantasma vai-se rindo com um eco que parece vir do além.

Alex – Viste o que eu vi?

Kimberley – Deve ser o efeito dos teus space cakes.

Alex – Exceto que eu não comi nenhum...

Kimberley – Não interessa. Agora, vais juntar-te à Yaya do outro lado e tenho a certeza de que ela tratará bem de ti...

Alex – Não disparem, estou certo de que ainda podemos resolver isto.

Kimberley – Arderás eternamente nas chamas do inferno.

Aponta-lhe a arma.

Alex – Tens a certeza de que não queres dirigir este Starfucks?

Kimberley – Mataste a minha avó e mataste o homem que eu amava. Vais morrer...

Alex – Pensa bem! Se me matares, serás tu a ir para a prisão.

Kimberley – Não te preocupes comigo, alegarei legítima defesa e crime passional.

Alex – Espera, legítima defesa ou crime passional? Porque não é a mesma coisa.

Kimberley – Não tentes confundir-me. Só porque confundo afrodisíaco com narcoléptico não significa que deves pensar que sou mais burra do que pareço. Se tens alguma prece a fazer, é agora.

Dos Santos e Carvalho chegam, armados.

Carvalho – Não disparem! E que ninguém se mexa.

Dos Santos desarma Kimberley e se aproxima a Alex.

Dos Santos – Em nome da lei, eu o detenho.

Alex – Mas afinal... Por que motivo? Esta mulher está me ameaçando com uma arma!

Carvalho – Deixe para lá. Desta vez, suas conexões não vão protegê-lo, Propina. Temos provas.

Alex – Provas? De quê?

Carvalho – A carta de ameaça que você enviou para a senhorita e a que enviou para a polícia denunciando o suposto tráfico foram escritas com letras recortadas da mesma revista.

Dos Santos – O Boletim Municipal de Mekansas City... Provavelmente, enquanto subornava o Sr. Prefeito para obter suas licenças de construção, ganhou um exemplar como agradecimento.

Carvalho – De qualquer forma, encontramos um número dessa revista na lixeira da sua mesa. As letras usadas na redação dessas duas cartas foram recortadas com tesouras.

Alex – Eu posso ser o autor dessas cartas anônimas, mas não se manda as pessoas para a prisão por tão pouca coisa. Senão, metade do país já estaria atrás das grades...

Carvalho – Mesmo assim, trata-se de uma ameaça de morte. Acredito que será suficiente para que o juiz o acuse.

Alex – Proponho que falemos sobre tudo isso lá fora... Este prédio está cheio de explosivos, e eu ativei uma contagem regressiva que terminará em alguns minutos...

Dos Santos – Tranquelize-se, desativamos o detonador... Pelo menos eu acho...

Kimberley (*segurando a estrela*) – Inspetor, isso não é tudo, tenho aqui a prova de que foi ele quem matou minha avó.

Carvalho (*lendo a inscrição*) – "Alex me matou"... Ponha as algemas nele, Dos Santos.

Alex – Vou apresentar uma queixa ao Sr. Prefeito. Ouvirão falar de mim.

Dos Santos coloca as algemas em Alex.

Kimberley – Infelizmente, também matou o Brian... Tudo é culpa minha, nunca me perdoarei.

Mas Brian levanta a cabeça.

Brian – Só estou ferido, Kimberley, tranquiliza-te.

Kimberley – Meu Deus, ele está vivo! Temos que cuidar dele.

Dos Santos examina Brian.

Dos Santos – Tenho minha certificação em primeiros socorros, não se preocupe. É apenas um ferimento superficial. A bala só o roçou. Com um pequeno curativo e um pouco de esparadrapo, ficará tudo bem.

Carvalho – Já sabem como são os homens... Um arranhão e desmaiam.

Mas graças a um truque habilidoso, uma enorme mancha de sangue encharca a camisa de Brian.

Kimberley – No entanto, está perdendo muito sangue, não?

Brian – Sinto-me desmaiar, Kimberley... Mas não quero que te sintas culpada...

Kimberley – Arriscaste a tua vida por mim. Não vais morrer agora...

Brian – Ouvei o que disseste antes sobre mim, quando pensavas que estava morto...

Kimberley – É verdade, admito... Eu te amo...

Brian – E eu também te amo.

Beijam-se, com olhares ternos dos outros.

Alex – Então, tudo acaba bem.

Brian continua a sangrar.

Carvalho – De qualquer forma, vamos chamar a ambulância...

Afasta-se por um momento para ligar.

Brian – Se eu recuperar mesmo assim, Kimberley, tenho uma pergunta para te fazer.

Kimberley – Prometo que responderei. A menos que seja sobre a receita secreta dos biscoitos da Yolanda.

Brian – Queres casar comigo, Kimberley?

Kimberley – Sim, Gordinho.

Carvalho retorna.

Carvalho – É por momentos como este, Dos Santos, que não lamento ter escolhido esta profissão.

Dos Santos (*com lágrimas nos olhos*) – Eu também não, chefe...

Carvalho – Um verdadeiro filme natalino...

Dos Santos – Mas pior...

Brian – Vou tentar aguentar até que a ajuda chegue, Kimberley.

Kimberley – Por favor... Não poderia viver sem ti.

Brian – Em vez de destruir este prédio insalubre, participarei na sua renovação e redesenharei gratuitamente a decoração horrível da tua casa de chá.

Dos Santos – É verdade que é comovente, chefe.

Carvalho (*comovido*) – Tens um lenço?

Dos Santos oferece um lenço sujo. Carvalho olha para o lenço, franze a testa, lança um olhar de desaprovação a Dos Santos, mas assoa o nariz mesmo assim. Brian vira-se para Carvalho e Dos Santos.

Brian – Já não conheço ninguém em Mekansas City. Aceitariam ser meus padrinhos?

Carvalho – Seria uma honra para ambos.

Dos Santos – Conhecem a nossa consigna – proteger e servir.

Kimberley – Se alguém me tivesse dito que algum dia casaria com o Gordinho...

Carvalho – Tem certeza de que desconectou o detonador, Dos Santos?

Dos Santos – Eu, chefe? De jeito nenhum! Cabia-lhe a si cuidar disso...

Carvalho – Eu? Mas eu nunca disse isso! É você quem...

Dos Santos – Fico a pensar se esta comédia não terminará em tragédia, afinal...

Ouve-se uma sirene da ambulância.

Carvalho – Pelo menos, a ambulância não virá em vão...

Um estrondo abafado é ouvido, aumentando, como o som de um edifício a desmoronar.

Corte.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Batas brancas e humor negro
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cama e Café
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Erro da funerária a teu favor
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um critico na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sequer morto
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Retrato de família
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um breve instante de eternidade
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Dezembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-103-9

Documento para download gratuito